

Josué de Castro – entre o ativismo e a ciência, a introdução da geografia da fome na história do pensamento geográfico no Brasil

Josué de Castro – between the activism and the science, the introduction to the geography of hunger in the history of geographic thinking in Brazil

Josué de Castro – entre el activismo y la ciencia, la introducción de la geografía del hambre en la historia del pensamiento geográfico en Brasil

Antônio Alfredo Teles de Carvalho

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo e Professor da Fundação Universidade Estadual de Alagoas - FUNESA, onde coordena o Núcleo de Estudos Josué de Castro
Rua da Aurora, 1071/1410 - Boa Vista
Recife, PE - CEP: 50.040-090
acarvalho@uap.br

Resumo: O texto busca evidenciar como ao identificar a fome enquanto expressão biológica dos males sociológicos, derivados das distorções econômicas, Josué de Castro inovou e distinguiu-se como cientista comprometido com o homem, ser social que na sua concepção revela-se através de uma sociedade faminta e miserável. Na estirpe desse processo trilhou por princípios humanistas que conferem um caráter emblemático ao seu pensamento e, conseqüentemente, a sua obra, denotando ser um ativista em consonância com o geógrafo contestador e combativo dos métodos de exploração econômica e social. Malgrado as abordagens centradas no naturalismo exacerbado das análises regionais da geografia clássica, que tinha dificuldades de incorporar o social dentro do seu paradigma teórico. Destarte, introduziu a geografia da fome na história do pensamento geográfico no Brasil na primeira metade do século XX, discutindo e produzindo obras de referência, exemplo de *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana e Geografia da Fome*, abrindo caminhos para uma geografia crítica e comprometida com o fim das desigualdades sociais.

Palavras-chave: Josué de Castro; Ciência; Ativismo; Geografia da Fome; Brasil; Pensamento geográfico.

Resumen: Este trabajo busca evidenciar cómo al identificar el hambre como expresión biológica de los males sociológicos, resultado de las distorsiones económicas, Josué de Castro innovó y se distinguió como investigador comprometido con el hombre, ser social que en la concepción se muestra a través de una sociedad hambrienta y miserable. En la línea de ese proceso siguió por principios humanistas que conferieron un carácter emblemático en su pensamiento y consecuentemente, su obra denotando un activista en consonancia con el geógrafo contestador y combativo de los métodos de explotación económica y social. Malgrado las abordajes centradas en el naturalismo exacerbado del análisis regional de la geografía clásica, que tenía dificultades de incorporar lo social dentro de su paradigma teórico. Destarte, introdujo la geografía del hambre en la historia del pensamiento geográfico en Brasil en la primera mitad del siglo XX, discutiendo y produciendo obras de referencia como ejemplo: *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana e Geografia da Fome*, abrindo caminos para una geografía crítica y comprometida con el fin de las desigualdades sociales.

Palabras-clave: Josué de Castro; Ciencia; Activismo; Geografía del hambre; Brasil; Pensamiento geográfico.

Abstract: The text tries to show how Josué de Castro innovated and distinguished himself as a scientist concerned with the man, social being that is revealed through a hungry and miserable society when he identified the hungry as a biological expression of sociological disasters, derived of economic distortions. In this process he based on humanistic principles which confer an emblematic character to his thinking and, consequently, to his play; as an activist and a geographer who fought against social and economic exploration methods. In spite of the approaches centered in the naturalism of the regional analysis of the classic geography that had difficulties to incorporate the social in his theoretical paradigm. So, he introduced the geography of hunger in the history of geographic thinking in Brazil in the early twentieth century, discussing and producing important plays, for example, *Brazilian Food in the Human Geography and The Geography of Hunger*, opening ways to a critical geography worried with the end of social injustices.

Keywords: Josué de Castro; Science; Activism; Geography of hunger; Brazil; Geographic thinking.

Os ingredientes da guerra são o ouro e as bombas atômicas. O ouro acumulado à custa de sofrimento e miséria de dois terços da humanidade. As bombas atômicas produzidas pela aplicação das ciências a serviço da destruição e da morte. Os ingredientes da paz são o pão e o amor.

Josué de Castro

Uma breve introdução

Ao refletir sobre Josué de Castro na perspectiva da trajetória do pensamento geográfico no Brasil, a partir do decênio de 1930, depara-se com um universo amplo e ainda pouco investigado em face a multiplicidade temática por ele evocada.

Chama a atenção no autor o pioneirismo demonstrado ao tratar de temas que décadas depois, tornar-se-iam tão significativas à Geografia, denotando uma clarividência que de acordo com Santos (1985) constituiu um dos traços mais marcantes da sua personalidade. Mormente, revelada através dos seus estudos acerca da fome e da nutrição, consumo, meio ambiente, ou da geografia social no Brasil, afora outros que o projetaram mundialmente.

Não olvidando as abordagens, que afora a crítica, une ciência e causa humanitária, revelando um ativista sintonizado com o mundo real. No presente texto busca-se resgatar esse aspecto do autor, ao tratar do seu ativismo em consonância com a inserção da Geografia da Fome na geografia brasileira.

Josué de Castro e a descoberta da fome

Polemista, inquieto e insatisfeito com a realidade, Josué de Castro adentrou pelas raízes históricas do país para identificar a origem dos problemas alimentares que acometiam o seu povo. Decerto, impressionado com as imagens guardadas dos mangues do Recife, rememoradas no seu romance *Homens e Caranguejos*, que trata da descoberta da fome na sua infância nos alagados “de uma cidade plural, de desadorado caos urbano e envolvida por expressiva paisagem natural” (HALLEY; CARVALHO, 2004, p. 2), onde relata que conviveu com os afogados de um mar de misérias. Sintomaticamente diz o autor:

Não foi na Sorbonne, nem em qualquer outra universidade sábia, que travei conhecimento como o fenômeno da fome. O fenômeno se revelou espontaneamente a meus olhos nos mangues do Capibaribe, nos bairros miseráveis da cidade: Afogados, Pina, Santo Amaro, Ilha do Leite. Esta é que foi a minha Sorbonne: a lama dos mangues do Recife, fervilhando de caranguejos e povoada de seres humanos feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejo (...) Seres humanos que se faziam assim irmãos de leite dos caranguejos. (CASTRO, 2001, p. 10)

Tocado por esse quadro e visando a sua superação, o autor se aprofundou nos estudos sobre a questão e mapeou a fome no país, e posteriormente identificou três tipologias distintas de fome – fome endêmica, epidemias de fome e subnutrição configuradas

nas cinco áreas por ele delimitadas: *Amazônia, Nordeste Açucareiro, Sertão Nordestino, Centro-Oeste e Extremo Sul*, cada uma delas apresentando uma dieta alimentar peculiar condicionada pelos fatores históricos e culturais. O quadro abaixo sintetiza estas conclusões.

Decerto, este foi o primeiro mapa da fome esboçado no Brasil. A partir dele Josué também identificou e espacializou as principais carências alimentares e "mostrou que em qualquer uma das cinco áreas que compõem o mosaico alimentar brasileiro, não se dispunha de todas as substâncias essenciais ao metabolismo basal" (CARVALHO, 2001, p. 78).

Área	Tipologia	Dieta Alimentar
Amazônia	Fome Endêmica	Feijão, farinha de mandioca, peixe e rapadura.
Nordeste Açucareiro	Fome Endêmica	Feijão, farinha de Mandioca, alpim e charque.
Sertão Nordestino	Epidemias de Fome	Feijão, milho, carne e rapadura.
Centro-Oeste	Subnutrição	Feijão, milho, carne e toucinho.
Extremo Sul	Subnutrição	Arroz, carne, batata e pão.

Assim, via com veemência a necessidade de implantar no Brasil políticas públicas e centros de estudos e pesquisas alimentares semelhantes aos existentes em países como França, Alemanha, Dinamarca, Itália, Argentina e, especialmente nos Estados Unidos nos primeiros anos do pós-guerra. Em *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana*, ressalta que "contrariamente a esses países, no Brasil quase nada tinha sido feito de maneira sistemática visando estudar os problemas atinentes a nossa alimentação e nutrição" (CASTRO, 1937, p. 21).

Nesse sentido, vai utilizar-se das funções ocupadas junto ao poder público para despertar a premente necessidade de reparação desse equívoco. Compõe a Comissão de Inquérito para Estudo da Alimentação do Povo Brasileiro, realizado pelo Departamento Nacional de Saúde em 1936 e, a partir daí, tornara-se presença constante na articulação e elaboração de estudos e políticas alimentares no país. Chefiou o Serviço Técnico de Alimentação Nacional, organizou e dirigiu o Serviço Central de Alimentação, que originou o Serviço de Alimentação da Previdência Social – SAPS; foi vice-diretor da Comissão Nacional de Bem-Estar Social e integrou a Comissão Nacional de Reforma Agrária. Foi também representante do país em importantes fóruns de debates e planejamento de políticas alimentares, integrou e dirigiu entidades e associações, e lecionou como catedrático a cadeira de nutrição do curso de sanitaristas do Departamento Nacional de Saúde.

Outrossim, dois acontecimentos marcaram excepcionalmente a trajetória de Josué de Castro nesse momento. O primeiro, foi a implantação do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil, do qual foi um dos idealizadores e se tornara diretor em 1946; o segundo, foi a sua atuação como Presidente do Conselho Executivo da FAO por dois mandatos consecutivos, de 1952 a 1956.

À frente da FAO persistiu na sua luta de combate a fome e a desnutrição. No entanto viu frustrados os planos de alargar e concretizar os seus ideais em função dos preceitos que norteavam as ações da entidade. Apesar das muitas tentativas não conseguiu sensibilizar os governantes dos países desenvolvidos a instituir uma reserva internacional contra a fome, ou

mesmo, uma campanha mundial de combate a este mal. Em *O Livro Negro da Fome*¹¹, Josué demonstra a sua frustração na presidência do órgão das Nações Unidas:

Durante 4 anos estivemos na presidência do Conselho Executivo da FAO, onde lutamos para fazer implantar nesse organismo alguns princípios de ação que nos pareciam essenciais para que ele viesse a desempenhar integralmente os seus objetivos (...) Pudemos comprovar como é difícil vencer as resistências impostas pelos interesses particularistas dos países e dos grupos econômicos. Problemas como o da reforma agrária e da constituição de uma reserva alimentar contra a fome e outros que exigem modificações das estruturas vigentes, não conseguem transpor a barreira dos preconceitos e dos medos acumulados (...) O caso da criação da Reserva Internacional contra a Fome (...) constitui um exemplo típico da ação tímida e vacilante da FAO.

A despeito das suas aspirações, a *Geopolítica da Fome*, estava tão atualizada quanto ao período em que fora publicada (1951). Encontra na história as origens dessa situação, partindo do pressuposto que o processo de colonização e o imperialismo dos países desenvolvidos ou ex-metrópoles, engendraram os desequilíbrios e a segregação característica dos países pobres, cuja consequência mais evidente era a fome. Assim, não mensurou esforços na elaboração de uma crítica à sociedade da opulência e do desperdício, alheia à miséria que assolava dois terços da humanidade. Por conseguinte, contestação e denúncia constituir-se-iam em particularidades marcantes do seu pensamento e da sua obra, destacando-o como médico, humanista, como geógrafo.

É, decerto, no campo da Geografia, que se identifica uma das maiores contribuições de Josué de Castro, cuja trajetória se confunde com os primeiros tempos da disciplina no Brasil – da institucionalização à afirmação²². Com efeito, já em “1933 conquista a Cátedra de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife” (CARVALHO, 2005, p. 3086), na qual lecionou por dois anos; transferindo-se posteriormente para o Rio de Janeiro, onde obteve a mesma titulação na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil³³.

Na esteira desse processo, a obra do autor assume relevância pelo rompimento com o silêncio e a denúncia em torno da fome e da miséria, e com os paradigmas que as explicavam como um fenômeno natural, bem como as abordagens centradas no naturalismo exacerbado das análises regionais do pensamento geográfico clássico. Portanto, um temário que não constava no elenco a ser analisado por um geógrafo e tido como não geográfico. Assim, segundo Carvalho (2001, p. 89),

¹¹ Este livro resulta de um documento elaborado para servir como base de discussão do projeto de criação da Associação Mundial de Luta contra a Fome – Ascofam. Compõe um anexo da *Geopolítica da Fome* e teve a sua primeira edição publicada em 1960. Aqui foi utilizado através da 8ª edição da *Geopolítica da Fome*, que encontra-se nas referências (no final do texto).

²² Esses primeiros tempos, denominados por Monteiro (2002, p. 9) de *Alvorecer da Geografia Científica*, compreende o período que se estende de 1935 a 1956, e assinala a implantação dos primeiros cursos de Geografia e História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1934), e na Universidade do Distrito Federal (1935), até a realização do XVIII Congresso Internacional de Geografia no Rio de Janeiro (1956).

³³ Ao retornar para o Rio de Janeiro (onde concluiu o curso de Medicina em 1932), em princípio de 1936, Josué de Castro vai lecionar Antropologia Física na Universidade do Distrito Federal – UDF, aí permanecendo até a sua extinção em 1938. Em 1940 assume interinamente a Cátedra de Geografia Humana da nascente Universidade do Brasil, da qual iria se tornar titular através de concurso em 1948.

verifica-se em Josué, um perfil independente quanto aos *dogmas* impostos pela *geograficidade* ou as *falsidades geográficas*, trilhando por sua vez por uma geografia de cunho social e que não dissocia as relações sociais (homem X homem) das relações homem X meio, materializadas nas vitórias do homem sobre o meio.

Rumando nessa perspectiva, não obstante aos obstáculos, "Josué de Castro foi pioneiro da Geografia da Alimentação nos anos 30" (MAMIGONIAN, 2004, p. 1), a qual consolidaria na década subsequente como Geografia da Fome, a partir da publicação do livro de título homólogo em 1946.

O êxito logrado nesse processo irá lhe conferir as prerrogativas de principal autoridade da Geografia da Fome no país. Condição, mormente imperativa da análise adversa daquela que se eximia de ver a fome como um fenômeno social (conforme viu-se anteriormente); afora o tratamento à luz dos princípios da ciência geográfica. Pois, para ele

só a geografia que considera a terra como um todo e que ensina a saber ver os fenômenos que se passam em sua superfície, a observá-los, agrupá-los e classificá-los, tendo em vista a sua localização, extensão e causalidade, pode orientar o espírito humano na análise do vasto problema de alimentação, como fenômeno ligado, através de influências recíprocas à ação do homem, do solo, do clima, da vegetação e horizonte de trabalho". (CASTRO, 1937, p. 26)

Partindo dessa perspectiva percebe-se que a geografia desenvolvida pelo autor, centrar-se-á na interface homem X meio na perspectiva da paisagem em consonância com o social, e através da mesma apontará as causas da miséria no Brasil e no mundo⁴⁴. Com propriedade, assinala Dias (1989, p. 97) que "ele abraça corajosamente uma temática original para a época, optando, sobretudo por um assunto muito pertinente num país onde os problemas são particularmente graves".

Destarte a verve antecipatória da obra de Josué de Castro mostrar-se-á na abordagem diferenciada, que vai desde a politização e o caráter social conferido a disciplina⁴⁵, à inserção na geografia de diversos temas *a priori* e genericamente 'não geográficos'. As abordagens geográficas implementadas por Josué, constituem matrizes e contribuem à compreensão da visão de Santos (1995) a respeito do autor⁴⁶ "eu creio que um dos traços fundamentais na personalidade do Josué de Castro era a clarividência. A clarividência é uma virtude que se adquire pela intuição, mas, sobretudo pelo estudo. É tentar ver a parte do presente que se projeta no futuro".

A propósito, indagara Sorre (1968, p. 21) no prefácio da edição francesa da Geopolítica da Fome: "ter-se-á o direito de censurar Josué de Castro por falar tão acaloradamente sobre temas que são tão essenciais para a humanidade? Em seguida responde: "eu, por mim, julgo

⁴⁴ Com efeito, atesta Berdoulay (1981, p. 14) que "a identificação e o estudo em profundidade de maiores questões que interessam uma sociedade são necessários, mesmo se alguns deles não podem parecer, à primeira vista, ter influenciado a evolução geográfica das idéias".

⁴⁵ "Para Castro (1951, p. 546) "a geografia moderna, procurando penetrar o sentido dos fenômenos universais, em sua realidade singular e total não, pois, um papel relevante a desempenhar neste tenebroso momento da crise histórica contemporânea e no qual se preocupa angustiosamente substituir o sistema cultural que desmoronou e perdeu sua significação vital, por um novo sistema, por um novo mundo de convicções..."

⁴⁶ Depoimento. In: Josué de Castro. *Cidadão do Mundo*. Vídeo Documentário. Direção de Sílvio Tendler. Rio de Janeiro: Bárbaras Produções/UERJ Vídeo, 1995.

que ele realizou um trabalho benéfico, insistindo, com uma força persuasiva, sobre a gravidade da situação”.

O questionamento e a resposta do mestre francês é certamente, a mesma compartilhada com pesquisadores e estudiosos que a despeito das circunstâncias revisitaram e encontram em Josué as fundamentações necessárias ao desenvolvimento de novos trabalhos acerca dos temas por ele evocados, afora outros destes emanados e que se constituem em fontes imprescindíveis de consultas para a leitura do mundo contemporâneo e, do Brasil em especial.

Um cientista, um ativista... Um homem sintonizado com o mundo

Mais que médico ou geógrafo, Josué de Castro foi um cientista em sentido *stricto*. Plural e sintonizado com o seu tempo e com o tempo futuro. Entrementes, é impossível não admitir que o percurso por ele trilhado foi fortemente influenciado pela Medicina⁷⁷ (base da sua formação acadêmica e científica) e pela Geografia. É a partir da atuação como médico que o autor empreende um conjunto de iniciativas que modificaram as políticas de alimentação no país. Rumando nessa direção, após a realização de vários inquéritos, especialmente nas áreas operárias e ribeirinhas da capital pernambucana⁸⁸, irá apontar a incidência das carências alimentares existentes e elucidar a sua real dimensão. Josué partirá de uma escala local à escala nacional (ou global) no estudo e na crítica aos fatores condicionantes da subnutrição e da fome, contribuindo assim, no despertar da consciência de uma medicina de cunho social no Brasil.

Assim, aportar-se-á na Geografia em suas pesquisas. A partir de então o 'método geográfico' tornar-se-á uma constante nos seus estudos sobre a fome. A propósito, no prefácio de *Geografia da Fome*, ele justifica a opção por tal método, assegurando ser este o

único método que (...) permite estudar o problema em sua realidade total, sem arreatar-lhe as raízes que o ligam subterraneamente a inúmeras outras manifestações econômicas e sociais da vida dos povos. Não o método descritivo da antiga geografia, mas o método interpretativo da moderna ciência geográfica, que se corporificou dentro dos pensamentos fecundos de Ritter, Humboldt, Jean Brunhes, Vidal de La Blache, Griffith Taylor e tantos outros. (CASTRO, 2001, p. 16)

Por conseguinte, elegeu a Geografia, associando-a a Medicina e a outras disciplinas para contemplar estes e outros temas, a exemplo de meio ambiente, subdesenvolvimento, reforma agrária, nutrição, educação, consumo, ou para tratar de movimentos pacifistas, evidenciando o seu humanismo e envolvimento com múltiplas temáticas e atividades.

Percebe-se, pois, que os princípios humanistas que conferem um caráter emblemático ao pensamento de Josué de Castro também denotam um ativista que transcendeu as esferas

⁷⁷ Mais especificamente pela Fisiologia, área da Medicina voltada ao estudo das funções normais do organismo, isto é, sem incidência de patologias.

⁸⁸ Refiro-me ao ensaio *As Condições de Vida das Classes Operárias do Recife*, publicado em 1935, onde o autor associa a baixa qualidade e quantidade de alimentação do operariado ao baixo salário. A partir desse inquérito ele fará outros similares, a pedido do Ministro Agamenon Magalhães a fim de subsidiar o governo na instituição de um salário mínimo no país.

acadêmica e científica à humana e desempenhara uma importante função nos movimentos pacifistas e em prol dos direitos humanos à luz da questão alimentar. Para o geógrafo, os homens de ciência, intelectuais e pensadores devem tomar a iniciativa de pôr a cultura, a ciência e a técnica a serviço da libertação da escravidão humana (...) É um dever do intelectual procurar superar a enorme distância que separa os progressos materiais da ciência do progresso moral da humanidade (...) É preciso que nos esforcemos pra pôr a ciência a serviço do homem, a serviço do bem estar social das grandes massas humanas (CASTRO, 1954, p. 3).

Este trecho, extraído do discurso proferido ao receber o Prêmio Internacional da Paz em solenidade realizada na capital finlandesa em 1954, sintetiza bem as preocupações do autor em face à realidade configurada, conseqüência óbvia da ordem mundial instituída nos meados do século XX. Outrossim, não se furta de mostrar que tanto a ciência quanto a técnica ocidentais, decerto, envaidecidas com suas brilhantes conquistas "(...) não se sentiam à vontade para confessar abertamente o seu quase absoluto fracasso em melhorar as condições das massas esfomeadas" (CASTRO, 1968, p. 50). Nesse sentido, em parte, vai atribuir à universidade o papel de reverter tal situação, partindo do princípio que as suas funções básicas essencialmente reduz-se a reumanização do homem e, que assim sendo,

mais do que uma oficina de sábios, o que a universidade dever ser é uma fábrica de homens capacitados a promover a fusão dos seus valores individuais mais significativos, com as aspirações mais profundas da sociedade de que participam. De homens aptos a resolver a crítica circunstância da convivência do homem com o próprio homem. (CASTRO, 1948, p. 11)

Essas e muitas outras preocupações do ativista apresentam-se sistematizadas especialmente em *Geopolítica da Fome*, "um extenso requisitório, apaixonante e apaixonado, contra essas doutrinas que humilham a humanidade" segundo Sorre (1958, p. 244), e onde Josué contesta e denuncia a dominação do homem pelo homem a propósito de um libelo contra os efeitos nefastos do colonialismo e do imperialismo, mesmo enaltecendo a capacidade do homem de fazer do planeta terra, uma terra de homens.

Assim, faz alusão desde as regiões famintas do Brasil, particularmente do Nordeste semi-árido, denunciando o que posteriormente ficaria conhecido por indústria da seca, aos bolsões de miséria da África, Ásia, América Latina e também, da Europa e da América Inglesa.

Ademais, ao evocar temas como paz e justiça social, ele ignora e contrapõe-se aos sofismas estabelecidos elucidando os processos de decadência humanos, ao mesmo tempo em que aponta alternativas condizentes com as particularidades regionais. Com propriedade, ressaltara o escritor francês Vercors (1954, p. 1) em seu discurso de saudação a Josué de Castro na cerimônia de entrega do Prêmio Internacional da Paz realizada em Helsinque

os grandes progressos da humanidade se realizaram sempre de idêntica maneira: pondo-se em dúvida o que parecia estabelecido de maneira definitiva. Isto constitui uma operação de inteligência, que exige uma força de caráter invulgar (...) Aqueles que ousam se contrapor aos conhecimentos preestabelecidos para tudo fazer de novo se chamam Pasteur, Einstein, Mitchourine ou Josué de Castro.

Congruente com estes princípios, ao mesmo tempo em que aponta a escravidão do homem pelo homem como desencadeadora das tensões e conflitos sociais, Josué idealiza e trilha pelos meandros da vislumbrada reumanização desse mesmo ser, assinalando uma única opção para atingir esta meta frente os dois caminhos que se abrem: "o caminho do pão e o caminho da bomba atômica". E, com propriedade destaca

Eu simbolizo pelo caminho do pão, o caminho da justiça social para dar pão a todos os que têm fome, convidando para o banquete da terra 2/3 que até hoje permaneceram fora da mesa, recebendo apenas nos intervalos algumas migalhas. É preciso que nosso mundo nos pertença verdadeiramente. Creio que já passou o tempo em que os povos miseráveis se conformavam segundo a frase das Escrituras Sagradas de que aos pobres pertence o reino dos céus. Devemos pensar que também aos pobres pertence o reino da terra, pois a terra é um bem comum para servir a todos os homens. Se não trabalhamos com energia para nos desviarmos do caminho da bomba, do caminho da perdição, seremos expulsos da terra. E aqueles que perderam o reino dos céus, perderão também o reino da terra. (CASTRO, 1954, p. 3)

Tão expressivo fora a sua contribuição humanitária que a partir dos anos de 1950 passara a constituir uma das cinco personalidades mais significativas da humanidade. Sempre que a ONU articulava algo de importante para o gênero humano, ele compunha com Lord Boyd Orr e Bertrand Russel um grupo de três dessas personalidades que eram consideradas indispensáveis, conforme destaca Ribeiro (1995).

O reconhecimento dessa contribuição também se reflete nos prêmios, a exemplo do Prêmio Internacional da Paz para o qual fora eleito unanimemente, condecorações e títulos. Foi designado *Cidadão do Mundo* pelo *Le Monde*, que ao eleger outros iguais eminentes cidadãos conferiu-lhe o Passaporte Número 18 da Cidadania Mundial, enquanto a revista *Planète* (igualmente francesa) o distinguiu como *Homem Força do Século XX*, afora outras distinções que evidenciam a difusão do seu pensamento, denotando um 'otimismo dramático' (MENEZES, 1983, p. 143/144) que busca na solidariedade e na justiça social as metamorfoses que no seu conceber resultariam no desenvolvimento integral do homem e, por conseguinte, da sociedade. Em 1963, a Associação do Parlamento Mundial propôs o seu nome para o Prêmio Nobel da Paz, o que já fizera Pearl Buck dez anos antes. Entretanto, pouco se comente a propósito desta iniciativa da escritora norte-americana detentora do Prêmio Nobel de Literatura.

Apenas uma nota à guisa de considerações finais

Ao associar e estabelecer estreita ligação do rebatimento da fome como fenômeno bio-social e os processos econômico, político e ideológico, analisando-a como expressão biológica dos males sociológicos, Josué de Castro sistematizou uma crítica a sociedade do seu tempo, e distinguiu-se como ativista das causas humanitárias, cientista social e como geógrafo que introduziu à sua disciplina este tema, até então, creditado como um objeto de análise dos sociólogos. Assim, instituiu um marco teórico na geografia brasileira em um dos seus períodos mais emblemáticos, e que por tamanho significado, carece ser revisitado e resgatado.

Referências

- BERDOULAY, V. The Contextual Approach. In: STODDART, D. R. *Geography, Ideology & Social Concern*. Oxford: Basil Blackwell, 1981. p. 8-16.
- CARVALHO, A. A. T. Josué de Castro nos Encalços da Geografia Francesa: Decifrando os Meandros de um Diálogo Geográfico. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina. São Paulo, 2005. CD-rom. p. 3085-3100. *Anais...*
- _____. Josué de Castro: Um Geógrafo de Múltiplas Contribuições Revisitado em suas Idéias. In: *Geosp – espaço e tempo*, n. 13. São Paulo: PPGG/FFLCH/USP, 2003. p. 59-69.
- _____. *Josué de Castro na Perspectiva da Geografia Brasileira – 1934/1956: uma contribuição à historiografia do pensamento geográfico nacional*. 2001. 169 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.
- CASTRO, J. *Geografia da Fome – o dilema brasileiro: pão ou aço*. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- _____. *Homens e Caranguejos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- _____. *Geopolítica da Fome – ensaio sobre os problemas de alimentação e de população*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1968.
- _____. *Aos Pobres Pertence o Reino da Terra*. Discurso proferido ao presidir a sessão dedicada ao estudo das armas atômicas no Conselho Mundial da Paz. Estocolmo, 1954a. 7 p.
- _____. *Coexistência Política e Paz*. Discurso pronunciado por Josué de Castro ao receber o Prêmio Internacional da Paz. Helsínque, 1954b. 5 p.
- _____. O Espírito Geográfico da Filosofia Moderna. In: *Boletim Geográfico*. IX (101) Rio de Janeiro: IBGE, 1951. p. 545-547.
- _____. A Função Social das Universidades. Discurso proferido por Josué de Castro, na sua posse na Cátedra de Geografia Humana da Faculdade Nacional de Filosofia em 14 de julho de 1948. Rio de Janeiro: Sauer, 1948.
- _____. *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.
- DIAS, Leila Christina. La Pensée Géographique Brésil: Hier et Aujourd’Hui. In: *L’Espace Géographie*. n. 3. Paris, 1989. p. 193-203.
- HALLEY, B. M., CARVALHO, A. A. T. O Recife de Josué de Castro: um lugar do mundo. In: VIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Recife, 2003. CD-ROM. *Anais...*
- MAMIGONIAN, A. *Estudos de Geografia Econômica e de Pensamento Geográfico*. 2004. 263 f. Tese (Livre Docência em Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- MENEZES, J. R. Otimismo Dramático de Josué de Castro. In: *Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro*. Recife: Universitária, 1983. p. 143-153.
- RIBEIRO, D. Depoimento. In: *Josué de Castro – cidadão do mundo*. Vídeo Documentário. Direção de Sílvio Tandler. Rio de Janeiro: Bárbaras Produções/UERJ Vídeo, 1995.
- SANTOS, M. Depoimento. In: *Josué de Castro – cidadão do mundo*. Vídeo Documentário. Direção de Sílvio Tandler. Rio de Janeiro: Bárbaras Produções/UERJ Vídeo, 1995.

SORRE, M. A Fome sem o Véu Discreto da Fantasia. In: *O Drama Universal da Fome*. Rio de Janeiro: Ascofam, 1958. p. 243-247.

VENCORS. Discurso pronunciado na cerimônia de Entrega do Prêmio Internacional da Paz ao Prof. Josué de Castro. Helsique, 1953. 3 p.